

2009

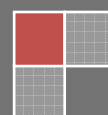
Qualquer coisa

Up, Revista de bordo da TAP, nº 19, Maio 2009, p15

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

2009



Qualquer coisa.

Miguel Vale de Almeida

Se eu fosse estrangeiro e procurasse informação sobre as razões para conhecer Portugal torceria logo o nariz à propaganda oficial. Não aprecio o fado (fiquei imune à moda da sua recuperação), não me atrai nada a ideia de um povo nostálgico, e não tenho nenhum fetiche particular com o sol e a praia. Mas como atrair gente – outra gente? Países como Portugal não estão no campeonato dos grandes países centrais, no que aos monumentos e museus diz respeito. Mas também não estão no campeonato dos países que só têm a sua natureza para oferecer. Países como Portugal estão na periferia do centro. No caso, na periferia da Europa.

Ao contrário dos milhares de páginas pessimistas que já foram escritas sobre esta condição, acontece que a acho fascinante. Começo sempre por aí, quando tento seduzir alguém a visitar o país ou quando recebo um amigo recalcitrante, com bilhete marcado para Paris ou Londres (ou Madrid) dois dias depois. Digo-lhes sempre que estão na Europa mas não estão na Europa. Estão no Norte de África mas não estão no Norte de África. Estão na América Latina, mas não estão na América Latina. Estão num país latino mas não estão num país latino. Estão no Sul mas não estão no Sul. Não estão no Mediterrâneo mas estão no Mediterrâneo.

Tal apresentação conduz facilmente à confusão, coitados. Mas quando regressam de uma dia de turismo automóvel ou de um dia calcorreando Lisboa, ei-los rendidos: “Tinhas razão! Os monumentos são pequeninos e muitas vezes mal enquadrados, as praias são boas mas a água é fria, a comida é saborosa mas um bocadinho pesada, e no entanto... não sei explicar, mas há qualquer coisa...”

Qualquer coisa. “Qualquer coisa” é a sensação de estar na Europa mas sem o anonimato burguês, as grandes avenidas, a reconstrução pós-guerra, o cumprimento das regras. É virar uma esquina de Lisboa, ou chegar a uma aldeia do Sul, e sentir-se em Marrocos – mas sem ter que regatear os preços do artesanato.... É entrar numa loja e ser atendido com sotaque do Brasil, é descobrir a cada passo semelhanças com o Brasil - as mesmas que no Brasil fazem descobrir semelhanças com Portugal. É sentir a latinidade mas sem os seus exageros efusivos – uma latinidade em sussurro, com menos caos e buzinas. É sentir-se à beira do Mediterrâneo

quando se olha o rio em Lisboa, mas ser surpreendido pelo nevoeiro, e saber que a três horas de carro se entra, a Norte, em paisagens mais próprias da Irlanda.

Não se trata apenas de celebrar a multiculturalidade ou a diversidade, coisa que, afinal, outros países têm em abundância e há mais tempo. Trata-se de sentir - nos elementos, nas pedras, nas caras, nas vozes, no tempo e a toda a hora e em mudança constante de engrenagem - esse espaço-tempo na extremidade da Europa, beijando África e mandando piropos à América.

Miguel Vale de Almeida

Lisboa, 1960. Antropólogo e professor universitário. Publicou vários livros sobre género, sexualidade e “raça”, com pesquisa em Portugal, Brasil e Espanha. Fez incursões pela ficção, pelas crónicas, gosta de desenhar e pintar, e não consegue deixar de ser activista – na política mas também, e sobretudo, nos direitos de gays e lésbicas. Vive em Lisboa, para o bem e para o mal. Mantém um blog e um site (miguelvaledaalmeida.net).